

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM INFANTIL E FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

Camille Sgobi Alvares **DENARDI**¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações sobre a influência da afetividade no processo de ensino/aprendizagem infantil, envolvendo as relações entre professores e alunos; alunos e pares; alunos e família; e família e escola, visando também à formação para a cidadania. Este tema foi escolhido dada a incidência de atos violentos nas escolas, devido a questões como agressões, *bullying*, indisciplina e pouco rendimento do aprendizado, levando à evasão escolar e a não aprovação futuramente em vestibulares e concursos públicos. A pesquisa foi feita através de busca em livros e internet, em sites relativos ao tema. Conclui-se que ainda há muito a ser feito para melhor aprendizagem da criança ao longo de sua vida escolar, familiar e social.

PALAVRAS-CHAVES: Afetividade. Aprendizagem. Cidadania.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to focus on some considerations about the influence of affectivity in the teaching/learning process, involving the relationships between teachers and students; students and peers; students and family; and family and school, aiming also at educating children for citizenship. This issue was chosen due to the incidence of violent acts in schools, as aggression, bullying, indiscipline, and low achievements along the school years, leading to school dropout (among other factors), determining the pupils' future failure in entering College and getting good jobs. The research included searches in books and the Internet. It was concluded that there is much to be done to children's improvement at school and within their familiar and social environments

KEY WORDS: Affection. Learning. Citizenship.

¹ Graduada em Administração pelo Centro Universitário Anhanguera e em Pedagogia pelo Centro Universitário Dr Edmundo Ulson "UNAR", Pós-graduada em: Alfabetização e Letramento e a Psicopedagogia; em Educação Especial e em Psicomotricidade; pelo Centro Universitário Dr Edmundo Ulson "UNAR".

Email: camille.denardi@professor.educacaoararas.sp.gov.br

Recebido em: 13/10/2022 - Aceito para publicação em: 05/12/2022

INTRODUÇÃO

A busca de conhecimentos sobre a afetividade no processo ensino-aprendizagem, muito explorada na literatura sobre o tema, pode promover e efetivar a melhora dos relacionamentos na vida escolar e familiar não somente dos educandos, mas também de toda a sociedade, que se encontra, de certa forma, intolerantes no dia a dia dos tempos atuais, marcados pela pressa e conturbação na execução de tantos afazeres, deixando de priorizar uma convivência sadia no lar e na comunidade. No caso das crianças na escola, são muitas vezes incapazes de assimilar os conhecimentos transmitidos, devido a situações adversas nos seus lares, na sala de aula e seu entorno. Assim, é fundamental o amparo afetivo dos pais e professores cientes de sua responsabilidade perante as crianças, para que se tornem cidadãos responsáveis por seus atos, conhecedores dos seus direitos e deveres.

As mídias noticiam fatos chocantes ocorridos nas escolas, envolvendo agressões gravíssimas e até a morte de alunos e professores, conforme se vê em noticiários do mundo todo. Aí se tem também o *bullying*, a indisciplina, maus resultados em provas, exames e avaliações. O educador e também a família, engajados na sua missão podem sim modificar essa dura realidade em que se encontra a educação.

AFETIVIDADE, FAMÍLIA, ESCOLA E CIDADANIA

As publicações sobre a educação da criança na família e na escola, com base na emoção e na afetividade estão muito presentes na literatura sobre o tema, haja vista que a personalidade da criança é formada desde quando nasce, e os bons ensinamentos e experiências serão a base para a formação de seres comprometidos com os valores que conduzirão seus passos ao longo da vida. Para Piaget (apud CUNHA, 2000), a infância é uma etapa útil, biologicamente, e caracterizada como o período de adaptação progressiva do indivíduo ao meio físico e social: é um “equilíbrio” cuja conquista iniciada nessa fase vai até a adolescência.

Aurélio (1994, p.20) define a afetividade como:

Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Para Capellato (2007), a afetividade, sendo a dinâmica mais profunda e complexa da qual participa o ser humano, inicia-se no momento em que ele se liga a outro pelo amor, sentimento único que envolve o medo da perda, da separação e da morte, acarretando também o ciúme, a raiva, o ódio, a inveja e a saudade. Na afetividade, cada ser aprende a lidar com todas essas emoções, para ter uma vida emocional plena e equilibrada, com presença de um cuidador (uma pessoa que já foi cuidada), para estabelecer limites necessários. A criança em desenvolvimento poderá perder sua fonte de amor, agindo por raiva ou medo, embora possa expressar esses sentimentos através de palavras ou choro.

Brust (2009) expõe a explicação de Gessel (1998) sobre a criança aos oito anos que, dada a sua curiosidade, fica propensa a ter um contato mais real com o meio, melhor compreensão das reações das pessoas em geral, sendo iniciada a formação de sua disciplina e controle das suas atividades, exprimindo afeição por meio de atitudes e palavras, havendo modificações em seu relacionamento com a família, a escola e os colegas de classe: a escola e a família são, então, os contextos mais influentes para a configuração da personalidade infantil.

Já Antunes (2006,p.5), prega que a afetividade “é escrita na história genética da pessoa humana, devido à evolução biológica da espécie”. Assim, pode-se inferir que os acontecimentos nefastos cada vez mais vistos nas escolas em geral, envolvendo alunos e seus pares, já nas séries iniciais, se devem, principalmente, à falta de relações afetivas consistentes, desde o seu nascimento. O bullying, alvo até da lei brasileira, [Lei nº 13.185](#), tem sido praticado de formas cada vez mais violentas dentro do contexto escolar. Este tipo de comportamento, que provoca sérias consequências para as vítimas, implica, segundo Ballone (2011), “atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou um grupo com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo incapaz de se defender”. O termo bullying advém da palavra "*bully*" em inglês, que significa “valentão”, sendo um

comportamento vindo de pessoas supostamente normais, mas com carência de valores morais e com elevada dose de maldade, produzindo consequências extremamente patológicas e mórbidas em suas vítimas. A prevenção desse mal é difícil, envolve questões de saúde e sociopolíticas: relaciona-se ao pleno desenvolvimento da personalidade das pessoas, para a convivência social sadia e segura.

O *Estatuto da Criança e do Adolescente* (BRASIL, 2009) impõe a necessidade da intervenção com rigor, por parte da escola, quando “as próprias crianças e adolescentes desrespeitam seu próprio estatuto em relação às outras crianças e adolescentes”, sendo que muitas vezes a escola é omissa na questão do bullying, por interesse, medo ou comodidade, e favorece a perpetuação desse comportamento agressivo (BALLONE (2011)).

Para Wallon (In: DE LA TAILLE, 1992):

O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades (WALLON, 1992, p. 90).

Do início da infância à idade adulta, o indivíduo tem como característica central a predominância alternada dos aspectos afetivos e cognitivos e, ao longo do viver, a construção da pessoa advém de uma sucessão pendular de momentos dominantes afetivos ou cognitivos: a afetividade e a inteligência estão primeiramente sincreticamente misturadas, com a predominância da primeira, e sua diferenciação logo se inicia, mas a reciprocidade entre os dois desenvolvimentos se mantém de tal forma que as aquisições de cada uma a repercutem sobre a outra, permanentemente (WALLON (1992)).

É no contexto familiar que a criança vive sua alegria, felicidade, prazer e amor, bem como tristezas, desencontros e brigas, aprendendo a “linguagem mais complicada da vida: a linguagem da afetividade - amor acompanhado de medo, raiva, ciúme...”,

segundo Capellato (2011). O autor explica que as pessoas brigam com quem mais amam, sentindo medo de perdê-las e, portanto, a família implica brigas e gritos, mas também o amor. Segundo Veloso (2014), as relações familiares complexas afetam consideravelmente o desenvolvimento do aluno já nas séries iniciais, o que compromete o processo de aprendizagem, tendo a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996, p.1) exposto o conceito de educação além da educação formal, pois na família a criança “construirá valores que serão incorporados ao longo da vida”, tratando-se do primeiro processo de socialização rumo aos seus caminhos futuros. Contudo (apesar da extrema importância da presença dos pais na escola), sabe-se que muitas famílias não participam efetivamente do cotidiano escolar dos filhos e, conseqüentemente, influenciam negativamente o desenvolvimento deles esperado.

Quando os pais são participativos, os filhos apresentam boa autoestima, respeitam os outros, sentem-se amados e valorizados, conforme o pensamento de Sampaio (2012), para quem as dificuldades de aprendizagem podem ser de origem orgânica, cognitiva ou emocional, ou devido à falta de estímulos, baixa autoestima, sendo que a sociedade moderna é caracterizada por grandes mudanças na economia, política e cultura, o que afeta todos os aspectos da vida pessoal e social, repercutindo significativamente na vida familiar. Rigonatti (2003) aponta que o século XX abriu espaço para transformações que repercutiram na instituição familiar, como o aumento de divórcio e maior inserção da mulher no mercado de trabalho, na maioria das vezes chefiando sozinha a casa e os filhos.

Conforme explica Brust (2009), mencionando De La Taille (1992), as interações emocionais, com qualidade e afetividade, ampliam o horizonte da criança, levando-a a transcender seu eu e inserir-se no social, devendo o professor e a família aprender a lidar com o estado emotivo da criança, para melhor estimular seu crescimento individual: “afetividade e inteligência estão sincronicamente misturadas, com o predomínio da primeira. Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa”.

Sabe-se que educadores comprometidos são aqueles que propiciarão melhor desenvolvimento da criança, favorecendo-lhe a autonomia e a autoestima. Piaget (In: CONDACK, 2016) refere à formação de pessoas felizes e éticas, seguras e capazes

de conviver com o mundo a seu redor, quando as construções intelectuais permeiam-se pelo aspecto afetivo, no que concerne aos “interesses, motivações, afetos, facilidades, esforço, ou seja, ao conjunto de sentimentos que acompanha cada ação realizada da criança”. A escola, para o autor é um espaço amplo, englobando indivíduos com diferentes valores e experiências, concepções e culturas, bem como crenças e relações sociais, e o dia a dia dessas pessoas se torna uma rica e complexa estrutura formada por conhecimentos e sujeitos diferentes, devendo as diferenças ser valorizadas.

O professor deve saber como se dá o desenvolvimento emocional e comportamental da criança, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados no Brasil, em 1997, estabelecem que o currículo do ensino fundamental vise o desenvolvimento de capacidades “de relações interpessoais, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas para que os estudantes possam dialogar de modo adequado com a comunidade, aprender a respeitar e a ser respeitado, a escutar e ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres” (OLIVEIRA (2016)).

A afetividade é a energia que move as ações humanas, sem ela não há interesse e não há motivação para a aprendizagem, segundo Piaget (In: OLIVEIRA, 2016). Sendo a escola e a família que configuram a personalidade infantil, em ambos é preciso serenidade e paciência, mesmo em situações difíceis, sendo que a interpretação, pelos pais e professores, do comportamento dos alunos é muito importante para a compreensão dos significados de cada tipo de comportamento.

A relação professor/aluno, para Oliveira (2016) exige a presença do afeto, para que haja interações sociais harmoniosas, influenciando profundamente o crescimento cognitivo e, nesse contexto, cabe aos professores facilitar todos os aspectos que estimulem a aprendizagem, organizando atividades em sala de aula que possam entretê-los, o que fará com que não se envolvam em atos indisciplinados e bullying. São importantes as atividades lúdicas, nesse sentido.

Acooperação pais/escola, segundo Costa (2012), propicia que muitas questões sejam discutidas, visando a solucionar, compreender e intervir nas dificuldades enfrentadas

pela criança, pois muitas vezes as causas do mau rendimento escolar advêm das peculiaridades da criança, de sua vida familiar desfavorável (o que acarreta um bloqueio na aprendizagem), ou de seu meio sociocultural, entre outros fatores. Percebe-se hoje que a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola: são instituições interdependentes e complementares.

Na educação para a cidadania, segundo Silva (2000), o trabalho conjunto e participativo de todos os envolvidos no processo pedagógico, juntamente com uma política educacional efetiva, criará sujeitos de direitos e deveres, com acesso garantido ao conhecimento, o que permitirá que compreendam a complexidade do contexto social em que estão inseridos. Importante ressaltar que a cidadania é construída na vida diária, com base em reflexões quanto à realidade em que se vive, com problemas e possíveis soluções envolvendo cada ser e cada grupo social. O fator primordial para o comportamento ideal do cidadão consciente são os atos que pratica em prol da melhoria de si próprio, do outro e da comunidade em que vive, e além dela (SILVA (2000)).

O Brasil passa por uma crise política, econômica e social, sem precedentes em toda a sua história, com um cenário de desigualdade econômico-social e muito baixa produtividade da escola para grande contingente da população, o que contribui para a violência por parte dos jovens, nas ruas, nas famílias, nas escolas, desrespeitando as diferenças e os direitos de cada cidadão, Sobrane (2014) alerta para a necessidade de inclusão da educação política dos educandos durante o ensino fundamental, para que noções e valores constitucionais para o exercício consciente da cidadania sejam incorporados em sua vida, e eles se tornem agentes partícipes e transformadores do bem estar coletivo. É importante que prevaleçam os interesses coletivos sobre os individuais, para levar os cidadãos a combaterem as desigualdades, priorizando a liberdade e a solidariedade, conforme estabelece a Constituição Federal.

Conforme reflete Santos (2013), o direito a uma educação de “qualidade” tem sido negado, uma vez que grande parte dos alunos chega ao ensino médio com dificuldades básicas de letramento, errando ao escrever o seu próprio nome, sem apreender de modo efetivo a codificação através da escrita e decodificação através

da leitura, sendo que muitos dos que concluem o ensino médio continuam esbarrando na escrita, leitura e interpretação, o que dificulta a conquista da cidadania plena.

O mundo e as pessoas se transformam constantemente, cabendo ao educador se atualizar continuamente em suas práticas pedagógicas (por exemplo, a aplicação dos recursos digitais nas aulas, que vem provando ser muito produtiva), pois se não houver este empenho, seu êxito ficará comprometido. Planejar não é somente elaborar as atividades a serem desenvolvidas, mas avaliar resultados. Utilizar-se dos recursos digitais para a conscientização e vivência da cidadania dentro e fora da escola permite, de forma interessante, entreter as crianças, propiciando atitudes consistentes no sentido da importância de serem verdadeiros cidadãos, conhecedores de suas responsabilidades em relação a seus comportamentos perante professores, colegas, familiares, comunidade e o meio ambiente (SANTOS (2013)).

A afetividade na formação de alunos para a cidadania, ao longo de sua vida escolar, é crucial para promover o respeito às diferenças de raça, religião, nacionalidade, princípios e escolhas de cada um, logo (e principalmente) nas séries iniciais, através da integração família e escola, dialogando e procurando superar as dificuldades encontradas nesse processo.

METODOLOGIA

Foi usada a pesquisa bibliográfica neste trabalho, com o levantamento de matérias já publicadas em livros e na Internet, sobre afetividade, aprendizagem infantil e cidadania, incluindo a influência da família e da escola nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, infere-se que a família e a escola, através, principalmente da afetividade, conseguem formar pessoas íntegras, capazes de transformar e reverter situações de violência nos ambientes em que vivem, inclusive no meio ambiente, cada vez mais maltratado.

São os professores afetivos, responsáveis por seus ensinamentos (e não somente pela transmissão de conteúdo das matérias em cada nível), bem como os dirigentes

escolares, que podem intervir na presença das dificuldades vivenciadas pelos alunos e famílias, constituindo-se em bases sólidas para um rendimento efetivo do educando que, também, terá bom relacionamento com os pares e pessoas em geral, e atitudes de verdadeiros cidadãos, pondo em prática e divulgando ações com relação à proteção do meio-ambiente (descarte correto de lixo, não depredação de patrimônios públicos, etc.) e prevenção de doenças (como exemplo, a dengue) dentre outras.

Infelizmente, a proposta de aproximação entre a escola e a população no seu entorno, pouco se alteraram ao longo do tempo, apesar de ideias novas em relação à necessidade de melhorar o nível cultural da família carente. Aos pais e moradores que integram a comunidade escolar cabe a colaboração na representação de pequenos serviços, a contribuição financeira ou a responsabilidade de assumir penas disciplinares compartilhadas com professores e direção, considerando que a atividade educativa se trata é cada vez mais uma tarefa complexa (SAMPAIO, (2012)).

Na pesquisa de Zorzi (2005), com o objetivo de esclarecer e aprofundar os impactos da liderança pedagógica no processo de formação da autonomia do aluno, são ressaltadas as constantes e rápidas mudanças no mundo contemporâneo, que têm aumentado as dificuldades da tarefa educativa, tendo a escola de aprender a administrar as inovações, conflitos e confrontos do mundo globalizado, garantindo a formação da pessoa em todas as dimensões e para a cidadania, com base em teóricos - da teoria à prática, sendo que a formação integral do aluno - autônomo e cidadão - gera satisfação, envolvimento, crescente busca e integração de esforços, ampliando “o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber conviver”.

A criança que não recebe afeto, não aprende, e se não aprender, poderá ficar à margem da sociedade, podendo tornar-se um praticante do bullying, consumindo drogas, roubando ou até matando, como também já comentado neste trabalho. Nas várias pesquisas aqui relacionadas, pode-se constatar que o ato de ensinar e aprender está diretamente relacionado com as expressões afetivas e emotivas na relação professor-aluno e nas práticas pedagógicas, e em consequência, na transmissão e apropriação do conhecimento.

O aluno, sentindo-se apoiado pelos professores e família, numa relação plena de laços afetivos, terá bom rendimento escolar, bom relacionamento com os pares e as pessoas na comunidade em que vive.

Se as crianças, ao longo de sua trajetória escolar – níveis fundamental, médio e superior - até serem inseridas no mercado de trabalho, tornando-se bons profissionais e cidadãos plenos, a família e a escola terão cumprido sua nobre missão de educar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *A afetividade na escola: educando com firmeza*. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Saraiva, 2009.

BALLONE, G.J. *Bullying* - in. PsiqWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, abril de 2011.

BRUST, J.R. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de graduação. Londrina, 2009.

CAPELLATO, I. R. **Educação com Afetividade**. *Fundação Educar D'Paschoal*. Disponível em: <http://www.facaparte.org.br/facaparte/biblioteca/EduccomAfetividade.pdf>

CONDACK, J.N.P. **Afetividade e vínculo no processo pedagógico de adaptação e construção da aprendizagem na educação infantil para os professores da E. M. "Germano Lazaretti"**. Artigo apresentado para o Instituto Educacional Sem Fronteiras, como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de especialista em Educação Infantil, 2016.

COSTA, N. F. **Dificuldades de aprendizagem: um estudo documental**. 77fls.Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) à Universidade Estadual de Maringá, como requisito integral para a obtenção do título de graduada em Pedagogia. Maringá, 2012,

DELL' AGLI, B.A.V. **Aspectos afetivos e cognitivos da conduta em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem**. Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, Faculdade de Educação, 2008

DE LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1992

DICIONÁRIO AURÉLIO BÁSICO DA LÍNGUA PORTUGUESA Ed. São Paulo: Folha de São Paulo u.a, 1994/1995

FERREIRA, P.C.R. **Considerações de professores do ensino médio sobre a indisciplina em sala de aula.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde na Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas. São Paulo 2009

GESSEL, A. **A criança dos 5 aos 10 anos.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LDB 9394/96 (BRASIL, 1996, pag 7): conceito de educação

OLIVEIRA, B.N.G - texto publicado no do Brasil Escola, através do canal colaborativo Meu Artigo. Disponível em: <http://www.brasilecola.com>. Publicado por: Valor do Conhecimento em 15 de Março de 2016

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional:** uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p.

SAMPAIO, T.L. **A importância da relação família e escola na formação do aluno.** Trabalho de conclusão de Curso (graduação) – Faculdade Cearense, Curso de Pedagogia, Fortaleza, (2012)).

SANTOS, A. S. **Análise das Dificuldades na Alfabetização e Letramento em um colégio da Asa Norte – Brasília / DF.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2013.

SILVA 2000, A.M.M. **Escola Pública e a Construção da Cidadania: possibilidade e limites.** Faculdade de Educação da USP - São Paulo, Tese de Doutorado, 2000.

SOBRANE, M. A. O. **Constituição e cidadania: ensino fundamental e educação política do cidadão.** 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SPOSITO, M. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, 2001.

VELOSO, D.G.A. **Afetividade e aprendizagem: o papel da família e da escola.** Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curso de Pedagogia, Maringá, 2014.

ZORZI, M. **Liderança pedagógica e Projeto Educativo. Um estudo de caso.** Rev. Lusófona de Educação n.5 Lisboa 2005, *versão impressa* ISSN 1645-7250.